

## ESTARÍAMOS TESTEMUNHANDO O FIM DA DEMOCRACIA?

### ARE WE WITNESSING THE END OF DEMOCRACY?

 <https://doi.org/10.63330/armv1n6-014>

Submetido em: 21/08/2025 e Publicado em: 25/08/2025

**Rodrigo dos Santos França**  
Doutorando na PUC Minas

**Leandro Gilson de Oliveira**  
Mestrando na PUC Minas

#### RESUMO

O artigo analisa a erosão democrática no contexto contemporâneo, com ênfase nas tendências extremistas e autoritárias que têm emergido no cenário político mundial. A pesquisa foca principalmente no caso brasileiro, examinando o fenômeno do bolsonarismo como expressão de um novo radicalismo de direita. Utilizando autores como Levitsky, Ziblatt, Lynch, Adorno, Fraser, entre outros, o estudo discute as condições e as consequências do enfraquecimento das instituições democráticas e o impacto de discursos e práticas políticas antidemocráticas. O artigo propõe uma reflexão sobre as tensões entre a democracia e os desafios impostos pelo crescimento de movimentos políticos que questionam os fundamentos da ordem democrática, refletindo sobre as possíveis implicações para o futuro das democracias globais.

**Palavras-chave** Extremismo; Autoritarismo; Erosão democrática; Bolsonarismo.

#### ABSTRACT

The article examines the erosion of democracy in the contemporary context, with a focus on the extremist, and authoritarian trends emerging in the global political landscape. The research primarily concentrates on the Brazilian case, analyzing the phenomenon of Bolsonarism as an expression of a new radical right. Using authors such as Levitsky, Ziblatt, Lynch, Adorno, Fraser, and others, the study discusses the conditions and consequences of weakening democratic institutions and the impact of anti-democratic political discourses and practices. The article offers a reflection on the tensions between democracy and the challenges posed by the rise of political movements that question the foundations of the democratic order, contemplating the potential implications for the future of global democracies.

**Keywords:** Extremism; Authoritarianism; Democratic erosion; Bolsonarismo.



## 1 INTRODUÇÃO

A democracia liberal representativa, concebida como o regime político que combina eleições periódicas, pluralismo, separação de poderes e garantias de direitos fundamentais, vem enfrentando, nas primeiras décadas do século XXI, uma crise sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial. Essa crise manifesta-se menos por golpes de Estado explícitos e mais por processos graduais e insidiosos de erosão institucional, levados a cabo por governos eleitos que, uma vez no poder, minam os pilares democráticos em nome de uma suposta “vontade popular”. Trata-se do fenômeno que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) chamam de *how democracies die* – a morte lenta das democracias por dentro.

No livro *How Democracies Die* (2018), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt analisam os processos pelos quais democracias estabelecidas podem sucumbir ao autoritarismo. Eles argumentam que as democracias não desaparecem apenas por golpes militares ou revoluções violentas, mas muitas vezes entram em declínio através de um processo mais gradual, no qual líderes eleitos minam as normas e as instituições democráticas.

No centro dessa transformação está a ascensão de movimentos e lideranças populistas de extrema direita, que combinam discurso antissistêmico, práticas autoritárias, nacionalismo excludente e desprezo pelas normas democráticas. Em diferentes contextos nacionais – como os Estados Unidos sob Donald Trump, a Hungria sob Viktor Orbán, a Polônia sob Jarosław Kaczyński, e o Brasil sob Jair Bolsonaro – observa-se a consolidação de governos que, embora eleitos democraticamente, utilizam os mecanismos do Estado para corroer a própria democracia.

Esses regimes compartilham características comuns, como: ataques sistemáticos à imprensa, ao Judiciário e às universidades; disseminação de desinformação e teorias da conspiração; mobilização de ressentimentos culturais e econômicos; e a construção de uma identidade coletiva baseada na exclusão de “inimigos internos” – sejam eles migrantes, opositores políticos, professores ou ativistas. Nancy Fraser (2019) caracteriza esse movimento como uma resposta regressiva à crise do “neoliberalismo progressista”, que perdeu sua capacidade de oferecer horizontes de emancipação às maiorias sociais.

No Brasil, o bolsonarismo configura uma forma híbrida de autoritarismo eletivo, ancorado em valores ultraconservadores, neoliberalismo radical e militarização da política. Como aponta Christian Lynch (2021), esse projeto não representa apenas um desvio institucional, mas a tentativa de refundar o regime político brasileiro em bases antiliberais e antipolíticas, reativando tradições autoritárias históricas sob a roupagem de uma nova “revolução cultural de direita”. O fenômeno é também profundamente marcado pelo anti-intelectualismo, tal como definido por Adorno (2019), que vê na negação da razão crítica e no culto à ignorância uma das pré-condições para o avanço de tendências totalitárias.

Diante desse cenário, este artigo propõe-se a investigar os processos contemporâneos de erosão democrática à luz da ascensão do populismo autoritário de direita. Busca-se compreender como tais



lideranças utilizam o discurso democrático para minar seus fundamentos, e de que modo práticas extremistas e autoritárias estão sendo legitimadas sob a lógica da representação popular.

A questão norteadora que guia a reflexão é: **Estariamos testemunhando o fim da democracia tal como a concebemos desde o pós-guerra?** Em torno dessa provocação, o objetivo geral do estudo é analisar criticamente as dinâmicas de desdemocratização em curso, com ênfase no caso brasileiro e em diálogo com experiências internacionais. Para isso, articula-se uma abordagem teórica fundamentada em autores como Levitsky e Ziblatt (2018), Yascha Mounk (2018), Nancy Fraser (2019), Christian Lynch (2021) e Theodor Adorno (2019), buscando compreender tanto os mecanismos institucionais quanto os elementos culturais, sociais e subjetivos envolvidos no processo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

O debate contemporâneo sobre a erosão democrática tem se intensificado diante da ascensão de lideranças autoritárias e populistas em diversas partes do mundo. A literatura especializada converteu-se em um campo fértil de análises que procuram entender os mecanismos pelos quais as democracias são corroídas por dentro, muitas vezes de maneira gradual e legalista.

Levitsky e Ziblatt (2018), em *Como as Democracias Morrem*, sustentam que as ameaças atuais à democracia não se materializam por meio de golpes militares, mas através da degradação das normas democráticas e da captura das instituições por líderes eleitos que rejeitam o jogo democrático. Essa transformação silenciosa é possibilitada por ataques sistemáticos à imprensa, ao judiciário e ao pluralismo político, enfraquecendo os freios e contrapesos.

Complementando essa análise institucional, Theodor Adorno (2019 [1950]), em *A Personalidade Autoritária*, destaca o papel da estrutura psíquica e social no fortalecimento de líderes autoritários. Em momentos de instabilidade, sujeitos com forte adesão a valores hierárquicos, rígidos e excludentes tendem a buscar refúgio em figuras que prometem ordem e clareza. Essa leitura permanece atual diante da emergência de discursos políticos baseados no medo, no ressentimento e na exclusão do outro.

Nancy Fraser (2019) introduz uma crítica estrutural ao neoliberalismo, ao apontar que a combinação entre políticas identitárias e desregulamentação econômica — o que ela denomina “neoliberalismo progressista” — acabou por alienar grandes parcelas da população, abrindo espaço para soluções reacionárias e autoritárias. Segundo a autora, o colapso das promessas de justiça social e redistribuição fomentou um ressentimento que foi capturado por projetos políticos da extrema direita.

Christian Lynch (2021) analisa o bolsonarismo como uma forma de “autoritarismo eleitoral” com raízes no neoconservadorismo e no anticomunismo militar brasileiro. Ele argumenta que esse fenômeno se distingue de outros populismos por sua hostilidade estrutural ao sistema político e sua disposição para



corroer as instituições desde dentro, com uma retórica fortemente antipolítica, antiparlamentar e anti-intelectual.

Cas Mudde (2019) oferece um referencial essencial para a compreensão do populismo de direita ao defini-lo como uma ideologia de “núcleo raso” que opõe um “povo puro” a uma “elite corrupta”. Para Mudde, o populismo contemporâneo é frequentemente combinado com o nativismo e o autoritarismo, formando o que ele chama de “extrema direita populista”. Essa formulação ajuda a entender os discursos que culpabilizam minorias, desconfiam da ciência e rejeitam o pluralismo.

Jan-Werner Müller (2016), em *O que é o Populismo?*, argumenta que o populismo não é apenas uma crítica à elite, mas uma forma de negação da legitimidade dos adversários políticos, promovendo uma concepção exclusivista do povo. O populista afirma representar, de forma única e verdadeira, a vontade do povo, e qualquer oposição é vista como traição ou usurpação. Tal postura enfraquece os princípios da democracia liberal, como a alternância de poder e o respeito à diversidade política.

Chantal Mouffe (2018), por outro lado, oferece uma leitura crítica do antipopulismo liberal. Em *Por um Populismo de Esquerda*, ela sustenta que o populismo é uma forma legítima de construir o “nós” político e que o problema não está no populismo em si, mas na ausência de alternativas progressistas capazes de disputar o imaginário popular. Sua proposta de um populismo democrático visa resgatar a centralidade do conflito e da disputa no processo democrático, rejeitando a pretensão tecnocrática de uma política sem antagonismos.

Pierre Rosanvallon (2012; 2018) traz importantes contribuições para compreender a crise da representação e o enfraquecimento das formas tradicionais de legitimidade política. Ao explorar o distanciamento entre representantes e representados, ele revela as fragilidades das democracias liberais modernas, marcadas por desconfiança, opacidade institucional e desigualdade de acesso ao poder.

A articulação dessas abordagens permite compreender a ascensão de formas contemporâneas de autoritarismo como produto de múltiplas crises — institucionais, culturais, econômicas e subjetivas. Este artigo, ao dialogar com tais autores, propõe-se a analisar o caso brasileiro, em especial o governo de Jair Bolsonaro, como um laboratório dessas transformações, onde se combinam elementos de populismo, militarismo, antipolítica e desmonte deliberado das bases democráticas.

### 3 METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, com foco analítico e interpretativo, fundamentada na análise de conteúdo de obras teóricas e documentos político-institucionais. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental (Gil, 2019), com ênfase na análise crítica de autores contemporâneos que estudam a erosão democrática, o populismo e o autoritarismo no século XXI.



A estratégia metodológica utilizada é a análise comparativa (Sartori, 1994), voltada para identificar traços comuns nos processos de degradação democrática em diferentes contextos nacionais, com destaque para o caso brasileiro no governo de Jair Bolsonaro. A partir do diálogo com autores como Levitsky e Ziblatt (2018), Nancy Fraser (2019), Jan-Werner Müller (2016), Cas Mudde (2019), Chantal Mouffe (2018), Pierre Rosanvallon (2012; 2018) e Christian Lynch (2021), busca-se compreender como fenômenos como o populismo de direita, o anti-intelectualismo, o negacionismo e a retórica antipolítica se articulam na prática política recente.

Além da bibliografia especializada, são analisadas falas públicas, discursos oficiais e documentos institucionais do governo brasileiro entre 2019 e 2022, que evidenciam práticas que contribuem para a fragilização das normas democráticas. O recorte temporal abrange o período da presidência de Jair Messias Bolsonaro, com o objetivo de examinar como se manifestam, nesse contexto, os processos de autocratização descritos pela literatura especializada (Luhmann; Lindberg, 2019).

A metodologia ainda considera o conceito de "erosão democrática" como fio condutor da análise, permitindo a articulação entre teoria política, sociologia crítica e conjuntura histórica. A triangulação entre autores, documentos oficiais e discursos políticos oferece maior robustez interpretativa à análise, respeitando o rigor acadêmico exigido pela pesquisa em ciências sociais.

#### **4 RESULTADO DA DISCUSSÃO**

A presente pesquisa identifica um padrão convergente de erosão democrática em distintas democracias contemporâneas, protagonizado por forças populistas de extrema direita que, embora atuem dentro da legalidade institucional, minam gradualmente seus fundamentos normativos. O estudo confirma que o populismo extremista do século XXI se diferencia dos regimes autoritários clássicos por operar dentro das regras democráticas para, progressivamente, corroê-las.

Como destacam Levitsky e Ziblatt (2018), a derrocada da democracia contemporânea frequentemente ocorre por dentro das instituições, por meio da cooptação do Judiciário, da captura dos meios de comunicação, da subordinação do Legislativo e da naturalização de discursos antidemocráticos. Em vez de tanques nas ruas, temos o enfraquecimento da autonomia institucional, a criminalização da oposição e a polarização extrema como instrumentos de captura do poder. O Brasil, sob Jair Bolsonaro, apresenta uma versão nítida desse modelo, com o uso de decretos, nomeações estratégicas e retórica beligerante para deslegitimar a ciência, o sistema eleitoral, as universidades e a mídia.

A contribuição de Christian Lynch (2021) é fundamental para compreender o bolsonarismo como um projeto ideológico estruturado, que articula elementos de militarismo, autoritarismo moralista, anti-intelectualismo e antipetismo. Lynch caracteriza o bolsonarismo como uma forma de “cesarismo plebiscitário antiliberal”, ou seja, uma lógica de poder personalista e antipluralista, que se apoia diretamente



em um vínculo carismático com a massa, sem mediações institucionais, e que nega a legitimidade dos demais atores políticos.

Este padrão de concentração de poder nas mãos de um líder “do povo” é consistente com a definição de populismo proposta por Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017), que o entendem como uma ideologia de baixa densidade que opõe “o povo puro” a “uma elite corrupta”. No caso brasileiro, o “povo puro” é frequentemente identificado com os evangélicos, militares, produtores rurais e “cidadãos de bem”, enquanto as elites hostis incluem professores universitários, ambientalistas, jornalistas e políticos de esquerda.

Nancy Fraser (2019) propõe que esse populismo reacionário seja interpretado como uma reação à crise do “neoliberalismo progressista”, que combinava políticas de mercado com discursos de reconhecimento identitário. A incapacidade das democracias liberais de responder às crescentes desigualdades sociais criou um vácuo representativo que foi capitalizado pela extrema direita. No Brasil, essa leitura é reforçada pela rejeição a tudo o que é identificado com a “velha política”, incluindo a Constituição, os direitos humanos e as instituições de controle.

Em termos culturais, o anti-intelectualismo e o negacionismo científico desempenham um papel crucial na consolidação desse novo autoritarismo. A teoria da personalidade autoritária de Theodor Adorno (2019) contribui para entender a ascensão de figuras políticas que canalizam ressentimentos sociais em direção a bodes expiatórios — comunistas, feministas, artistas, ambientalistas — e cultivam uma obediência cega ao líder carismático. O discurso bolsonarista frequentemente mobiliza o ódio como ferramenta de coesão política, incentivando uma estética da violência e da exclusão.

O caso brasileiro, ainda que possua especificidades históricas e culturais próprias, insere-se em uma tendência global de autocratização democrática, como indicam os dados do instituto V-Dem (Luhrmann; Lindberg, 2019). Essa tendência também se manifesta na Hungria de Viktor Orbán, na Polônia do Partido Lei e Justiça, na Turquia de Erdogan e nos Estados Unidos sob Donald Trump. Em todos esses casos, a retórica nacionalista, o ataque à imprensa, a recusa do multiculturalismo e a desconfiança nas instituições são marcas estruturais.

Autocratização para oriunda da palavra Autocracia que tem o sentido, a partir da análise dos radicais gregos *autos* (por si próprio) e *kratos* (poder), de poder por si próprio. É uma forma de governo na qual há um único detentor do poder político-estatal, isto é, o poder está concentrado em um único governante (Gasparetto Junior, 2013).

A pesquisa também analisou discursos presidenciais, manifestações em redes sociais e eventos públicos promovidos por autoridades do governo Bolsonaro entre 2019 e 2022. A partir de uma análise de conteúdo sistemática, foi possível identificar padrões discursivos que contribuem para a corrosão democrática: naturalização do militarismo, uso político da religião, difusão de teorias conspiratórias, ataque



constante ao Supremo Tribunal Federal e tentativa de desacreditar o sistema eleitoral. A tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023, promovida por setores bolsonaristas radicais, é a culminação desse processo.

No plano institucional, o bolsonarismo utilizou recursos democráticos — como o voto, a liberdade de expressão e a autonomia do Legislativo — para corroer as bases do próprio regime democrático. Essa ambiguidade entre legalidade formal e autoritarismo substantivo exige uma reavaliação dos critérios clássicos de democracia. Como argumenta Yascha Mounk (2018), estamos diante de democracias “iliberais”, em que o sufrágio universal coexiste com a destruição da *accountability*, do pluralismo e das garantias fundamentais.

A democracia, tal como concebida nos marcos liberais do pós-guerra, encontra-se sob ameaça concreta, tanto no Norte quanto no Sul global. O bolsonarismo, longe de ser um desvio local, é uma expressão brasileira de um fenômeno político mais amplo, que combina desencanto democrático, crise de representação, ressentimento social e estratégias comunicacionais eficazes para promover a autocratização. O desafio, como advertem Levitsky e Ziblatt (2018), não está apenas em resistir ao autoritarismo explícito, mas em identificar e combater suas formas insidiosas e graduais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permite afirmar que a democracia liberal encontra-se em um estado de erosão silenciosa, impulsionada por dinâmicas internas que desafiam os pressupostos normativos da representação, da pluralidade e da legalidade. Longe de se tratar de rupturas abruptas, o que se observa é um processo de desdemocratização paulatino, protagonizado por atores eleitos democraticamente, mas que operam com lógicas antidemocráticas. O populismo de extrema direita, na sua vertente autoritária e iliberal, tornou-se o principal vetor desse processo no século XXI.

Com base em autores como Levitsky e Ziblatt (2018), Moink (2018), Lynch (2021), Fraser (2019) e Adorno (2019), esta pesquisa demonstrou que o populismo contemporâneo não busca destruir a democracia por meio de golpes, mas corroê-la por dentro, esvaziando seus mecanismos de controle e *accountability*, desacreditando suas instituições e substituindo o pluralismo pelo antagonismo entre “povo” e “inimigos da nação”. Tal fenômeno não é isolado. Manifesta-se em diversos países – como Hungria, Polônia, Turquia, Estados Unidos e Brasil – com características próprias, mas com estratégias e retóricas convergentes.

No caso brasileiro, o bolsonarismo representa a expressão nacional de um modelo global de autocratização, sustentado por uma aliança entre forças neoliberais, setores ultraconservadores e aparatos militares. Seu discurso é marcado pelo anti-intelectualismo, pela rejeição à ciência, pela recusa aos direitos humanos e pela apologia da violência, elementos que articulam uma estética autoritária e uma política de exclusão. Como destacou Christian Lynch (2021), trata-se de um projeto de poder que, sob a aparência de



legalidade, visa esvaziar a democracia de seus conteúdos substantivos, substituindo o debate público pelo culto ao líder e a institucionalidade pela fidelidade ideológica.

A erosão democrática no Brasil ocorreu em meio à crise de representação que marca as democracias ocidentais desde a década de 2000, intensificada por fatores econômicos, culturais e tecnológicos. Nancy Fraser (2019) chama atenção para o colapso do “neoliberalismo progressista”, que criou o terreno fértil para o avanço de populismos regressivos. A precarização do trabalho, o aumento da desigualdade e a perda de horizontes coletivos geraram ressentimento e descrença nas instituições, canalizados por lideranças como Bolsonaro.

O bolsonarismo, ao contrário do que afirmam seus opositores mais imediatistas, não se resume a um fenômeno conjuntural. Trata-se de uma cultura política com raízes profundas no autoritarismo histórico brasileiro, reforçada por redes sociais digitais, igrejas neopentecostais e mídias alternativas. Seu legado será duradouro, mesmo após a saída de Bolsonaro do poder. Como alertam Levitsky e Ziblatt (2018), a democracia não morre apenas quando seus opositores vencem, mas quando seus defensores deixam de lutar por ela.

Diante desse cenário, torna-se urgente reimaginar formas de defesa da democracia que vão além da preservação formal das instituições, é preciso construir uma democracia substantiva, que combine liberdade política com justiça social, participação cidadã com redistribuição econômica, pluralismo com enfrentamento ao autoritarismo estrutural. O combate à desinformação, a valorização da educação crítica, o fortalecimento dos movimentos sociais e o resgate de uma esfera pública racional são condições indispensáveis para esse projeto.

O estudo também aponta para a necessidade de novas investigações empíricas e teóricas sobre os mecanismos de autocratização em democracias formais. Entre os possíveis caminhos futuros, destacam-se: a análise do papel das plataformas digitais na difusão do autoritarismo; a relação entre populismo e militarização da política; e os impactos do anti-intelectualismo nas políticas públicas de educação, ciência e cultura.

Por fim, a pergunta provocativa do título não deve ser lida como uma constatação, mas como um alerta. A democracia está em risco, não apenas por seus inimigos declarados, mas também por aqueles que a defendem de forma complacente ou tecnocrática. Reconhecer a gravidade desse risco é o primeiro passo para sua superação.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução: Gabriel Tupinambá. São Paulo: Unesp, 2019.
- DAHL, Robert A. *Sobre a democracia*. Tradução: Beatriz Sidou. Brasília: UNB, 2001.
- FRASER, Nancy. *O velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer: de que lado você está?* Tradução: Lúcia Brito. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Autocracia. InfoEscola, 2013. Disponível em: <http://www.infoescola.com/formas-de-governo/autocracia/> ; Consultado em 06 de maio de 2025.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Tradução: Renato Aguiar. São Paulo: Zahar, 2018.
- LYNCH, Christian. *A nova direita brasileira: de Reagan a Bolsonaro*. In: RIDENTI, Marcelo; LOPEZ, Marildo; MEDEIROS, João (org.). *O golpe de 2016 e a ascensão da nova direita*. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 103-130.
- MOINK, Yascha. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Tradução: Clóvis Marques. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOUFFE, Chantal. *Por um populismo de esquerda*. Tradução de Pedro Davoglio. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- MUDDE, Cas. *A ultradireita hoje*. Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Zahar, 2019.
- MÜLLER, Jan-Werner. *O que é populismo?*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PRZEWORSKI, Adam. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- ROSANVALLON, Pierre. *A sociedade dos iguais*. Tradução de Célia Coutinho Matos. São Paulo: Manole, 2012.
- ROSANVALLON, Pierre. *O século do populismo: história, teoria, crítica*. Tradução de André Telles. São Paulo: Autêntica, 2018.
- SARTORI, Giovanni. *Comparative method: a primer*. In: DIAMOND, Larry; PLATTNER, Marc F. (Org.). *The global resurgence of democracy*. 2. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994. p. 23-44.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Tradução: Tainá Diniz. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Tradução: Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.